

A EXPRESSÃO 'DAR PARA (DE) INF' EM PB: UMA ANÁLISE FORMAL*
(THE EXPRESSION 'DAR PARA (DE) INF' IN PB: A FORMAL ANALYSIS)

Roberta PIRES DE OLIVEIRA (Universidade Federal de Santa Catarina)

ABSTRACT: *We propose a formal description of 'dar de/para INF' in Brazilian Portuguese alternative to Gorski's functional analysis. Our analysis describes two semantic forms: a modal and an aspectual one. The semantic description is a way towards discussing theoretical and -methodological differences and incomensurability.*

KEYWORDS: *Brazilian Portuguese; Semantics; Aspect; Modality; Epistemology*

0. Introdução

Apresentamos, neste artigo, uma primeira descrição semântico-formal da expressão *dar para/de Infinitivo* em português brasileiro (doravante PB), buscando utilizá-la para refletir sobre uma questão epistemológica de fundo: as diferenças entre abordagens teóricas na descrição de um mesmo (?) fenômeno.¹ A análise formal que propomos tem como pano de fundo a análise funcionalista de Gorski (1999).

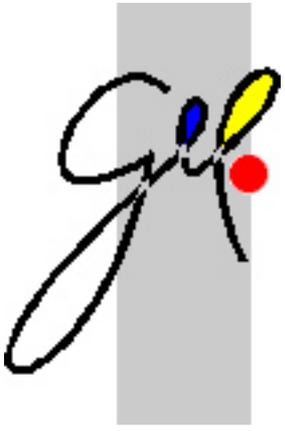
Utilizando dados do VARSUL, Gorski trata a expressão como um caso particular de *para/de infinitivo* que resultou numa extensão do significado do verbo *dar*: esta expressão é de particular interesse porque há uma “extensão de significados que vai se agregando a *dar*, de modo que este item passa a apresentar um caráter polissêmico” (Gorski, 1999). Ao explicar o item *dar*, autora descreve um *continuum* unidirecional de expressões mais livres no discurso, com significado pleno, como em *Ele dava tinta pra gente pintar* (FLP 1, L1112)², até construções rígidas, que sugerem uma maior integração semântico-sintática, como em *A gente dava pra repetir* (FLP 18, L350). Esta construção rígida está “praticamente integrada em uma locução verbal como possível auxiliar modal” (Gorski). As sentenças abaixo são, segundo a autora, exemplos desta construção rígida como um possível valor de auxiliar modal:

- (1) A gente ia almoçar, né? Praticamente almoçava porque a gente dava pra repetir, né? Pra repetir uma, duas vezes. (FLP18, L350).
- (2) A gente estava fazendo a casa, ou dava de pagar o pedreiro, ou dava de comprar o material e agora ultimamente já não dava mais nem pra pagar o pedreiro (FLP20, L532).

* Agradeço a Maria Cristina F. Silva, Carlos Mioto e Edair Gorski, a leitura atenta.

¹ Assumimos que há uma variação entre *para* e *de* na expressão *dar de/para INF*.

² Os exemplos seguidos pela identificação do lugar, depoimento e linha pertencem ao banco de dados VARSUL e foram retirados de Gorski (1999).



Neste artigo, propomos uma análise semântica alternativa a apresentada por Gorski na descrição das sentenças em (1) e (2). Para nós, elas são duas formas semânticas distintas. Uma delas, como a autora bem aponta, é o auxiliar modal, a sentença em (2) é um exemplo, a outra é uma estrutura aspectual, a sentença em (1). Apresentamos, na próxima seção, uma proposta formal de análise. Argumentamos que a expressão *dar para/de INF* “esconde” duas formas semânticas. Na seção seguinte, relemos a descrição semântica de Gorski segundo nossa hipótese. Finalmente, refletimos brevemente sobre diferenças metodológicas entre os dois modelos de análise semântica.

1. Duas formas semânticas

Um primeiro argumento para tratar a estrutura *dar para INF* como sendo a manifestação de duas estruturas semânticas diz respeito às relações de sinonímia. É só com a expressão modal que podemos substituí-la por *ser possível*, sem alterarmos o sentido da sentença. Veja as sentenças abaixo:

- (3) A gente ia almoçar, né? Praticamente almoçava porque era possível a gente repetir, né? (??) repetir uma, duas vezes.
- (4) A gente estava fazendo a casa, ou era possível pagar o pedreiro, ou era possível comprar o material e agora ultimamente já não era mais nem possível pagar o pedreiro.

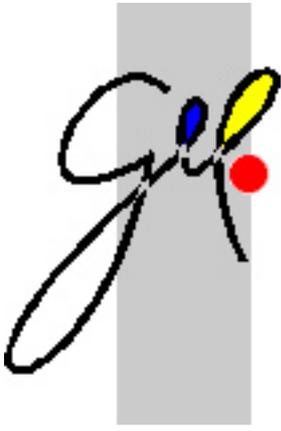
A sentença em (3) afirma que era possível repetir - esta é a interpretação que lhe dá Gorski -, ao passo que a sentença em (1), ao menos na nossa interpretação, é a expressão de um aspecto: a gente ia almoçar e repetia. Ela indica o início da reiteração de um evento: o evento de repetir a comida (infere-se pragmaticamente) é reiterado, uma, duas vezes, como mostra a sequência discursiva. O falante parece estar dizendo que eles começavam a almoçar e o almoço não terminava mais, porque eles começavam a repetir. Este uso aspectual aparece também nas sentenças abaixo:

- (5) Ele deu prá estudar matemática.
- (6) Ultimamente, eu dei prá fumar muito.

Nas sentenças acima não é possível entendermos a expressão *dar para INF* como expressando modalidade e sua substituição por *poder* ou *ser possível* é inaceitável. O que está em jogo nestes casos parece ser a marcação do início de eventos repetitivos: até um certo ponto o evento descrito não ocorria, depois ele se reitera. A descrição semântica de Gorski não apresenta uma discussão sobre a forma aspectual. O aspectual, na análise de Gorski, tem a mesma configuração sintática que o modal; o que indica que dados deste tipo podem ter sido classificados como modais.

As sentenças abaixo são exemplos de modal.

- (7) O que eu ganho dá prá nós comer, dá prá nós viver. (FLP3, L562)



- (8) Deu para notar claramente que a voz é mesmo o termômetro do nosso estado de espírito. (Dado de corpus escrito. Projeto PE/PB)

Em nenhuma delas temos a marcação do início de repetição de evento. É por isto que, à diferença das sentenças (1), (5) e (6), não podemos substituir a expressão por *começar a*, sem ou alterar o sentido da sentença ou torná-la inaceitável:

- (9) * O que eu ganho começava a nós comer, a nós viver.
(10) Começava a notar claramente que a voz é mesmo o termômetro do nosso estado de espírito.

(9) é inaceitável e em (10) altera-se o sentido da sentença.³

Uma segunda evidência de que estamos diante de duas formas semânticas distintas, o modal e o aspectual é que apenas a estrutura aspectual permite sujeito, argumento interno do verbo. É o caso das sentenças em (1), (5), (6). Note a não-aceitabilidade das sentenças abaixo:

- (11) A gente estava fazendo a casa, ou a gente dava de pagar o pedreiro, ou a gente dava de comprar o material e agora ultimamente já não a gente dava mais nem pra pagar o pedreiro.
(12) * O que eu ganho a gente dá pra nós comer, nós dá pra nós viver.
(13) Na época, eu/a gente dava pra comprar brinquedo.

A inserção do sujeito ou transforma o modal em aspectualizador ou torna a sentença inaceitável. O sentido das sentenças em (11) e (13) se alteram: de possibilidade para reiteração de evento. E as sentença em (12) é inaceitável. Como terceira evidência, considere o contraste entre as respostas para a pergunta em (14):

- (14) Deu prá ir ao supermercado?
Deu / * Dei

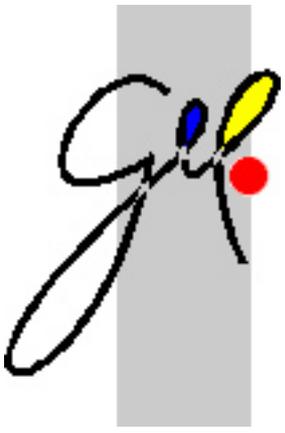
A impossibilidade de *dei* como resposta confirma que a expressão modal não atribui papel temático. É apenas a estrutura aspectual que atribui papel temático.

Na estrutura modal, a função sujeito é preenchida por um expletivo. A estrutura aspectual pede sujeito, um argumento interno, que deve atribuir papel temático. Em outros termos, o modal é um predicado inacusativo, enquanto que o aspectualizador é um transitivo.

Uma quarta evidência de que estamos diante de duas formas semânticas distintas é o fato de que na estrutura aspectual é preciso que haja co-referencialidade entre o sujeito do infinitivo e o sujeito da matriz:

- (15) Eu_i dei pra e_i sair.

³ É por falta de espaço que não incluímos trechos mais amplos para análise. O leitor poderá, no entanto, conferir nos referidos bancos de dados.



(16) * Eu_i dei pra e_j sair.⁴

A co-referencialidade parece indicar que podemos estar diante de uma estrutura de alçamento (*raising*), em que a segunda ocorrência é um traço (vestígio) do movimento. A categoria vazia tem, portanto, que ser anafórica (não pode ser pronominal).

Na estrutura modal, não é possível haver relação anafórica. Não, há, portanto, movimento de alçamento. Por isto dissemos que estamos diante de um caso de expletivo:

(17) * Eu_i deu pra e_i sair.
* Eu_i deu pra e_j sair.

O infinitivo só pode ser flexionado (pessoal) quando a expressão for de modalidade, como em (18.c); na estrutura aspectual ele não é possível:

(18) a. * Eles deram para fumarem.
b. Eles deram para fumar
c. Deu para eles fumarem.

Finalmente, uma última evidência refere-se ao tipo de verbo que pode acompanhar cada uma destas estruturas. Repare no contraste abaixo:

(19) a. * Pelo menos, ele deu pra morrer em paz.⁵
b. Pelo menos, deu pra ele morrer em paz.

Este fato não deveria causar surpresa. Para expressar início de reiteração de um evento é preciso que possamos imaginar que o evento descrito possa se repetir, não é o caso de morrer. Podemos, no entanto, modalizar eventos que não se repetem - nascer e morrer. Além disso, o modalizador não indica início de repetição do evento, mesmo quando utilizado com complementos que deixam clara a repetição, como em (20):

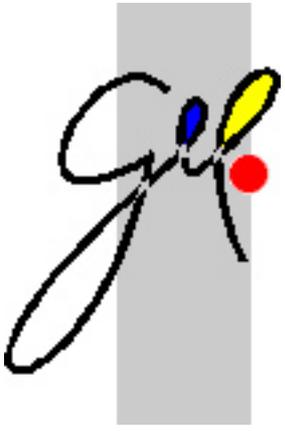
(20) Na viagem, deu pra ir pra praia todos os dias.

Todos os dias indica repetição do evento de ir à praia. Mesmo assim, o modalizador atua sobre as várias idas à praia dizendo que elas foram possíveis, uma a uma.

2. Diferenças de descrição

⁴ O significado neste caso muda. A única possibilidade de interpretação de *pra e_i sair* é de finalidade: eu dei (algo) pra (a fim de que) ele saísse. A sentença em (15) é, pois, ambígua. O mesmo problema aparecerá em (17).

⁵ Gorski discorda de minha análise e afirma que a leitura modal é possível: pelo menos ele pode morrer em paz. E acrescenta a sentença 'Eu não dou de entrar aqui', como contra-exemplo. Não há infelizmente espaço para desenvolver a questão.



Vamos, agora, explorar como nossa proposta lê a descrição que Gorski faz da expressão *dar para/de INF*. A autora distingue, nesta expressão, três estruturas sintático-semânticas: como auxiliar modal, sinônimo de *ser suficiente* e de *ser possível*. Na sentença abaixo, a expressão é, segundo a autora, parafraseada por *ser suficiente*:

(21) O meu dinheiro dava pra gente viver bem. (FLP 12, L411)

Gorski trata o sintagma *o meu dinheiro* como sujeito da sentença e *pra gente viver* como objeto indireto, vendo aí uma estrutura sintática e semântica distinta tanto daquela presente no uso modal, quanto daquela presente em (22) em que, segundo a autora, *pra pegar ônibus* seria uma oração subjetiva. Neste último caso, teríamos, ainda segundo Gorski, uma mudança de significado: a expressão passa a significar *ser possível*:

(22) Na hora do pique mesmo não dá pra pegar ônibus. (FLP 10, L896)

A análise que propomos homogeneiza estes casos, sem ampliar os significados da expressão. As sentenças em (21) e em (22) são modais. Em (21), *o meu dinheiro* é complemento de *viver* e está deslocado para a esquerda, topicalizado. A estrutura seria:

(23) O meu dinheiro dava pra gente viver bem t.

Em (22), *na hora do pique* também está deslocado (topicalizado). A estrutura seria:

(24) Na hora do pique mesmo não dá pra pegar ônibus t.

Portanto, a análise de Gorski descreve três estruturas sintático-semânticas - 'ser suficiente', 'ser possível' e 'poder' - , onde veríamos apenas duas - a modal e a aspectual. Nenhuma das três estruturas sintático-semânticas descritas por Gorski é aspectual, por isto a sentença em (1), na sua análise, tem que ser modal. Se, no entanto, nossa hipótese semântica estiver correta, o quadro se altera completamente, tanto que a tabela quantitativa de distribuição apresentada pela autora deve ser refeita porque os dados são reclassificados pela nossa análise. Ao invés de tratar o modal como três entradas distintas, nossa análise os agrupara numa única categoria modal. E uma revisão na classificação seria feita porque nas três categorias levantadas por Gorski pode haver dados aspectuais, que devem, segundo nossa análise, formar uma categoria a parte. Chegaríamos, pois, a números muito diferentes dos apresentados por Gorski.

3. Sobre a incomensurabilidade

Nosso interesse, ao apresentarmos uma descrição semântica alternativa, não é comparar modelos de análise. Mas através da descrição de um fenômeno semântico refletir sobre maneiras de operar com o significado, a funcionalista e a formalista, e a questão da incomensurabilidade de teorias. Não seria difícil utilizar este artigo para demonstrar que o objeto não é o mesmo no funcionalismo e no formalismo. Seguindo esta linha de raciocínio, poderíamos concluir que Pires de Oliveira e Gorski habitam mundos distintos e por isto elas não podem nem mesmo se comunicar. Não é possível



traduzir a língua de Pires de Oliveira na teoria funcionalista, e vice-versa. Esta imagem, recorrente em várias disciplinas acadêmicas, está equivocada.⁶

Não se trata de apagar as diferenças teóricas. Estamos, sem dúvida, diante de duas teorias de linguagem, duas metodologias. A estratégia funcionalista de Gorski é ampliar a polissemia da expressão. Esta proliferação de estruturas sintático-semânticas ocorre porque, nesta perspectiva, o isomorfismo sintaxe-semântica se dá na configuração superficial, na realização concreta. É por isto, inclusive, que a propriedade de interpretarmos elementos deslocados não existe: cada estrutura é uma estrutura diferente. A perspectiva formalista reduz a polissemia, interpretando-a como estruturas abstratas recorrentes. Também nesta perspectiva, a despeito do que dizem certos autores, há isomorfismo entre sintaxe e semântica, mas desta vez o isomorfismo se dá entre estruturas abstratas. A análise formal não vê iconicidade na superfície.⁷

Estas e outras diferenças teórico-metodológicas não impedem, no entanto, a conversa. Aliás elas a animam, porque ajudam a criar um senso-comum da lingüística, um lugar de convergências, sempre provisórias, entre diferentes.⁸ Faz parte deste senso comum o conhecimento de que a expressão em questão é um modal, de que há polissemia - e a lingüística precisa descrevê-la - de que há correspondência entre sintaxe e semântica. A formação deste sentido comum é possível porque a análise de Gorski é traduzível na minha teoria e vice-versa. Para o desgosto dos românticos, não habitamos mundos distintos.

RESUMO: Propomos uma análise formal de 'dar de/para INF' em Português Brasileiro alternativa à proposta funcional de Gorski. Nossa análise descreve duas formas semânticas para a expressão, a modal e a aspectual. A discussão semântica serve de trampolim para refletirmos sobre diferenças teórico-metodológicas e a incomensurabilidade.

PALAVRAS CHAVES: Português Brasileiro; Semântica; Aspecto; Modo; Epistemologia

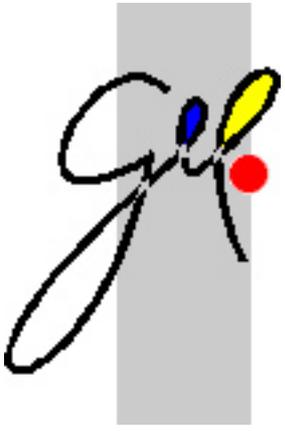
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- DAVIDSON, Donald. On the Very Idea of Conceptual Scheme. In *Inquiries into Truth and Interpretation*. 183-198. Oxford: Clarendon Press. 1984.
- A Nice Derangement of Epitaphs. In E.LePore (ed.) *Truth and Interpretation. Perspectives on the Philosophy of Donald Davidson*. Oxford: Basil Blackwell. 433-446. 1986.
- GORSKI, Edair . Comunicação apresentada no 3 Encontro do CELSUL. Porto Alegre. 1999.

⁶ Uma argumentação mais específica sobre este ponto pode ser encontrada em Pires de Oliveira (em preparação).

⁷ Newmeyer (1992) também defende que a abordagem formal (gerativa) é icônica.

⁸ Estou adaptando a teoria de comunicação de Davidson (1984, 1986).



NEWMYER, Frederik J. Iconicity and Generative Grammar. In: *Language*, vol. 68, n.4. 756-96. 1992.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. Uma crítica à incomensurabilidade. Trabalho a ser apresentado no I Simpósio de Epistemologia da Linguística.